



## A inauguração do lamento memorialístico de Evelyn Blaut-Fernandes

Blaut-Fernandes, E. (2018). *As dezenove regras do romance policial*. São Paulo, SP: V. de Moura Mendonça – Livros. (Selo Demônio Negro). 86p. ISBN 978-85-66423-49-5.

**Gregory Magalhães Costa**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [gregorymagalhaescosta@gmail.com](mailto:gregorymagalhaescosta@gmail.com)

Received on July 29, 2020.

Accepted on November 3, 2020.

O título do livro de Evelyn Blaut-Fernandes, *As dezenove regras do romance policial*, remete ao artigo *Vinte regras do romance policial* (*Twenty rules for writing detective stories*), de S. S. Van Dine, gerando estranhamento pela subtração de uma das regras, resultando dezenove. Será porque a vigésima trata somente de recomendação sintética? Quais mistérios e referências o leitor terá de desvendar? É preciso atentar aos mínimos detalhes, com ciência, arte e intuição, para decodificá-los e montar o quebra-cabeça, qual Sherlock Holmes. Estaria mais para Dupin, de Edgar Allan Poe, com seus raciocínios brilhantes, solucionando o assassinato brutal de mulheres em *Os crimes da Rua Morgue*?

O metafórico assassinato brutal de mulheres é sua principal linha narrativa, o que envolve a morte do pai simbólico: “[...] os pais morrem deixam luto e a comida é a única coisa que pode oferecer consolo constante quando os tempos são maus e geralmente são” (Blaut-Fernandes, 2018, p. 61). A anamnese do pai assassinado constitui mote para outros casos, percorrendo fraudes similares às dele, gerando angústia. O crime legal de tráfico tensiona com o ético, de ausência, descaso. Esse prisma se propaga em cosmovisão literária que passa a ver crime constante num fato remoto que movimenta todo o espectro e inaugura o ser profundo da narradora.

Talvez por vir da linhagem de Arthur Conan Doyle e Agatha Christie, sua criação oscile entre conto, romance de memórias e poesia: uma narradora intimista confessa o inconfessável por meio de fragmentado e conflituoso fluxo de (in)consciência. Há espões, queima de arquivo, polícia, bandidos, crimes. O leitor deve sintonizar com o detetive, assumindo papel de investigador da obra, como preconiza a primeira regra de Van Dine?

Cada fragmento funda um conto, pela sua difícil unidade, assim como um romance, pelo entrelaçamento tenso-harmônico desses contos, formando a grande obra, sinfonia. Fuga? Sonata? Yaravi? Elegia? Há a intenção de transformá-los em aforismo. Alguns são anedóticos, como a corrida dos ratos na página 22, alusão a *Rat race*, de Bob Marley, sobre atentado que sofreu da CIA. Assim, há conexão descontínua de linhas narrativas, realizada não sem custo pelo leitor, que dá sentido à obra.

Até que ponto essa narradora se confunde com uma forma poética de enxergar o mundo, com suas alegrias e tristezas, belezas e mazelas? Busca-se erguer monumento artístico por meio de recordação que dói e paralisa, elaborando um romance de referências, como nestas reminiscências de interna reconciliação paterna inspiradas na aclamada canção cantada por Bette Davis no filme de terror, drama e suspense *What ever happened to baby Jane*: “[...] escrevi uma carta a papai o papai não serve mais tive de matá-lo/ mas morreu antes que eu tivesse tempo nunca soube onde fixar os pés” (Blaut-Fernandes, 2018, p. 14). Em outros contextos, o criminoso poderia ser visto como herói, em reviravoltas de um filme de Alfred Hitchcock?

Esse lamento memorialístico se fende em mente perturbada, numa busca por seu princípio ou infância perdida, ganhando contornos em ‘Gangbag’, referência a filmes de *western*, mas também de ação, de aventura, ao imitar disparos por distorção sonora, quando personagens de crimes ganham nomes bíblicos, José, Maria, Gabriel e Verônica, que acompanha a Via Crucis e plasma o rosto divino numa toalha, mortalha ou folha, o que encarna a própria confecção do romance em forma de lamento – estilo elegíaco bem ao gosto de Sá de Miranda ou de Camões, influência que se justifica pela especialização em Literatura Portuguesa da escritora, da iniciação científica à pesquisa de pós-doutorado.

Para representar esse fluxo de memória, cindida por evento fatídico primordial que se consuma em tenso lamento conturbado, em que cada parte ganha um título, fornecendo linha de leitura de seu respectivo trecho, há um contínuo de abolição da pontuação, deixando a cargo do leitor conectar frases e encadear ritmos, isomórfico ao uso de barras transversais, que ainda se terá que provar sistemático por estudos críticos e/ou por entrevista, mas que mostra uma clara intenção poética. Alguns índices são criativos e irônicos, como 'Déjà fu', com boas pitadas de humor e sarcasmo.

Há também um tom de denúncia da deterioração moral e física do espaço universitário e de pesquisa em antro de vaidade, pequenos poderes autoritários, assédio, perseguição, atribuindo verossimilhança a algumas referências eruditas. Sua relação com outras figuras masculinas também passa por espécies de crimes, inferindo o machismo nosso de cada dia, estrutural, a cultura do estupro. Evocação da noturnidade de Circe, que é índice de um trecho? Até a submissão na cama é ato de sujeito ativo, pois é voluntário, afirmação.

Todos os estilhaços se ligam pelo tema do crime e da opressão, sendo que o maior é o moral, a indiferença, a falta de cuidado, moldando, assim, seu caráter trágico de encenar o impacto tremendo dos fatos nos personagens, atingindo violência sangrenta que evoca a direção cinematográfica de Quentin Tarantino, conhecido não só pelo estilo ultraviolento, mas também pela metaficção que cita do erudito ao pop, entre arte e indústria cultural de massa, original e pastiche, estratégia apropriada pelo livro, que remete a esse universo ficcional, misturado ao policial: "[...] pois bem foi um golpe / assim que ele entrou pela janela ouvi um estrondo ele deixou uma mancha de sangue no tapete / pois bem fui atingida por um hábil criminoso ele me fornecia todas as drogas de que precisava" (Blaut-Fernandes, 2018, p. 32). Alguns excertos versam leituras de notícias de jornais portugueses, como são digeridas ou causam indigestão, remetendo aos anos que a autora passou em Portugal durante o seu doutorado.

Ao se fragmentar por um conflito original proveniente da infância, agora é preciso se reencontrar por meio de um canto poético que reúna esses estilhaços vitais em sua memória. O poeta tem de descer ao inferno para apurar o dom de criar canto, dança, palavra, com fins de apuro de faculdades, reflexões e sensibilidades, que buscam ser libertadoras. Algumas vezes, vindo do chão cotidiano da faca no pão, como no 'Jardim da manga'. Assim, se fornece mosaico dinâmico de fortes doses da vida contemporânea. Terminará em *rainbow bridge*? O leitor tem a função de desvendar a construção do sentido ausente para encontrar uma explicação não apenas racional. Por isso trata-se de um livro altamente recomendável e uma leitura necessária para o nosso tempo.

## Referências

- Aldrich, R. (1962). *What ever happened to baby Jane?* Hollywood, LA: Warner Bros. Pictures.
- Blaut-Fernandes, E. (2018). *As dezenove regras do romance policial*. São Paulo, SP: V. de Moura Mendonça – Livros (Selo Demônio Negro).
- Dine, S. S. van (1928). Twenty rules for writing detective stories (Reeditado em *The Art of the Mystery Story: a collection of critical essays* edit by Howard Haycraft, Nova York: Grosset & Dunlapp, 1946, p. 189-193). *The American Magazine*, Nova York, Setembro.
- Marley, B., & Wailers (1976). Rat race. In *Rastaman vibration*. Jamaica: Tuff Gong; Island Records.
- Poe, E. A. (2017). *Os crimes da Rua Morgue e outras histórias extraordinárias* (C. Lispector, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Fantástica Rocco.